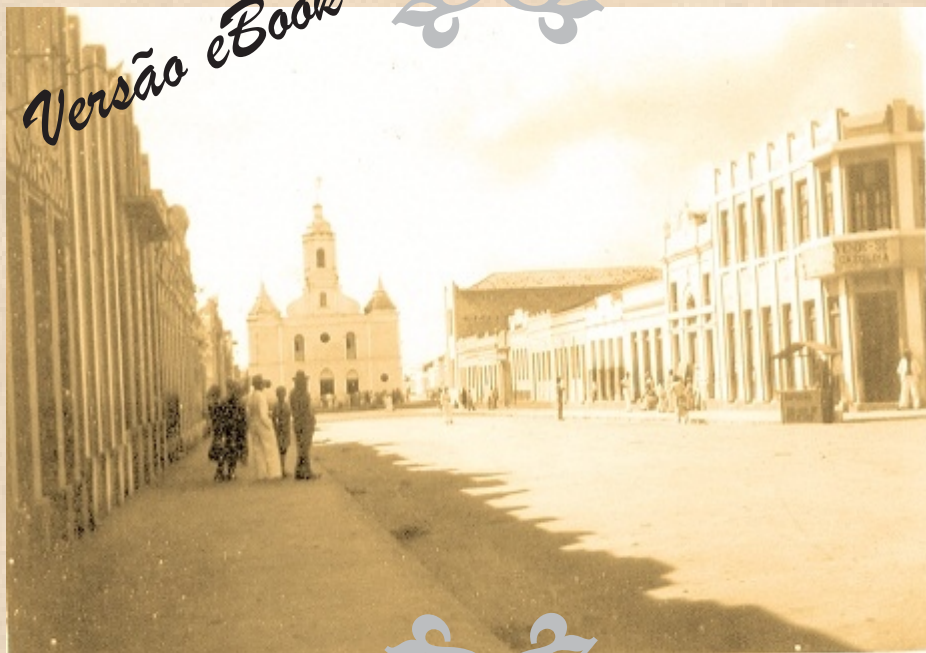


João Benedito

O Cantador de Esperança

Versão eBook



Esperança - Paraíba

Rau Ferreira

João Benedito

O Cantador de Esperança

FERREIRA, Rau. *João Benedito: O Cantador de Esperança*. Esperança/PB: 2011.

Capa de **Evaldo Brasil**.

© Copyright do Autor

*Esta é uma versão simplificada do livro
no formato eBook para divulgação na web.*

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Edições
Banabuyê

Esperança - Paraíba

Dedicatória:

*À Deus, que tudo rege em perfeita harmonia;
fonte da mais pura sabedoria!*

À meu pai e minha mãe, quanta alegria.

Às minhas filhas e minha esposa amada

Três canções em suave melodia.

*E cidade de Esperança; o florescer de um novo
dia!*

Homenagem especial:

*Ao ilustre esperancense **Silvestre Batista**,
baluarte da nossa história e exemplo de
honradez.*

Pleito de gratidão:

*À **Saro Amâncio**, **Vicente Simão**, **Adauto
Rodrigues** e **Carlos Almeida**, pela valiosa
contribuição neste trabalho, lembrando
casos e versos do poeta popular João Benedito.*

*Ao jornalista e poeta **Evaldo Brasil**, meu
guru e orientador de publicações.*

NOTAS SOBRE O AUTOR

Rau Ferreira é cidadão esperancense, bacharel em direito pela UEPB e funcionário público estadual concursado. Casado com a professora Carmem Lúcia e pai de duas filhas, Hauane e Heloíse.

Colabora com diversos portais de notícias e boletins informativos. É editor do blog “História Esperancense” e publica uma coluna no Jornal “A Folha de Esperança.

Prefaciou o livro do Coronel Elísio Sobreira escrito por Inácio Gonçalves de Souza (Idealgraf: 2010) e fez o encerramento desta obra com o artigo “O Funeral de um Comandante”. Além de ser autor da biografia de Silvino Olavo (Epgraf: 2010).

Como poeta participou do recital de poesia promovido pelo Departamento de Cultura no I EMPARPE - Encontro de Arte Popular de Esperança (2010) e integra o grupo denominado “Memorialistas” juntamente com Evaldo Brasil, Calos Almeida e Karl Marx Valentim, que realiza telúricas literárias na cidade.

E como pesquisador tem descoberto papéis e documentos que remontam à formação do município de Esperança, desde a concessão das Sesmarias até a fundação da Fazenda Banabuyê Cariá, que foi a sua origem.

O Editor

JOÃO BENEDITO: O Cantador de Esperança

INDICE

I. Dedicatória	4
II. Notas sobre o autor	5
1. O Sr. João Benedito	06
2. Conheci João Benedito!	09
3. A poesia de João Benedito	19
4. Resenha crítica	21
5. Fontes consultadas	24

Por ser uma versão simplificada do livro muitos capítulos foram excluídos e outros resumidos.

A versão impressa desta obra conta, entre outros, com versos inéditos do poeta e textos relacionados ao cordel, contendo em si 100 páginas.

O Sr. João Benedito

João Viana dos Santos, conhecido por “*João Benedito*”, nasceu em Esperança no ano de 1860 e faleceu na cidade de Remígio em 1943. Cantador e repentista residia na Rua do Boi (atual Av. Senador Epitácio) e trabalhava nas feiras livres da região, sempre acompanhado de sua viola para qualquer ocasião.

Era um moreno muito respeitado pela sua habilidade de criar versos e seu jeito irreverente. Diziam ainda que tinha boa memória e “peito fino”, que cantava e glosava abertamente.

O historiador, folclorista e antropólogo Luiz da Câmara Cascudo cita-o em seu livro “*Vaqueiros e Cantadores*”, e reproduz um desafio que o poeta popular manteve com Antônio Correia Bastos. Enquanto que o repentista Antônio Ferreira da Cruz chegou a colocá-lo em pé de igualdade com Joaquim Sem Fim, considerando-o um dos temíveis cantadores da sua época.

Coutinho Filho por sua vez, relata em “*Repentistas e Glosadores*” que em palestras com Josué da Cruz a respeito dos melhores poetas populares do seu tempo este colocou João Benedito entre os grandes, citando o mote que o velho repentista estabeleceu entre o homem e o tempo .

Mesmo em idade avançada o cantador fazia suas rimas e brincava até com a sua condição, fazendo comparações de si com um jovem que lhe servia de companhia.

Seus versos ainda ecoam nas feiras livres de Esperança, em conversas de botequim e nas palavras saudosistas de alguns esperancenses que o conheceram e reverenciam o seu nome como um dos mais importantes poetas populares da Paraíba.

A nosso pedido o Oficial do Registro Público local, **Ônio Emmanuel Lira**, fez uma pesquisa em todos os livros de registros antigos porém, nada encontrou em relação a João Benedito.

O problema é que muitas pessoas eram registradas tardiamente ou mesmo em outra cidade, como Alagoa Nova e Areia da qual Esperança pertenceu e foi termo judiciário, quando não eram anotados apenas o primeiro nome pois os tabeliães não tinha essa preocupação.

E mesmo nessas localidades muitos documentos se perderam ao longo do tempo. Existe ainda o caso da revolução do Quebra-quilos, que aconteceu em Campina Grande mas atingiu Alagoa Nova, tendo os revoltosos queimado muitos documentos públicos.

Contudo valem os escritos de Câmara Cascudo e Átila Coutinho que dão com precisão o local e data de nascimento do cantador, além de fornecer outros elementos de grande importância.

Além disso, podemos levantar alguns depoimentos de pessoas que conheceram o velho cantador. Foram inúmeras entrevistas que nos possibilitaram construir a sua figura retirando assim do imaginário popular e ainda resgatando seus versos.

Por fim podemos afirmar ao leitor que João Benedito era da família PICHACO, da qual encontra-se ainda vivo um neto do repentista, residente em Esperança na rua João Mendes e conhecido por "*Cabo Duda*", que apesar de ser criança à época lembra ainda alguns fatos relacionados a seu avô.

Estes, segundo os mais antigos, teriam sido os primeiros habitantes negros de Esperança e passaram por algumas dificuldades até serem totalmente aceitos na sociedade.

José Severino Cândido – o *Cabo Duda* – é uma das figuras mais conhecidas de Esperança; militar aposentado das antigas, residente na rua João Mendes, 367, bastante comunicativo e alegre faz seu mourão na sapataria de Lápis [José Viturino], junto com outros de seu tempo. É neto de João Benedito e trás um fiel depoimento do velho cantador:

"Meu avô era João Benedito, minha mãe se chamava Ana da Conceição, Ana Benedita, e contava que ele era um cantador afamado. Eu era muito pequeno mas tenho alguma lembrança dele. Ele vivia tocando pelo mundo afora, cantava por toda a Paraíba, por todo canto, Campina Grande e Sertão; ele andava acompanhado com aqueles cantadores de viola, Josué da Cruz cantou com ele e outros cantadores também. Se o espírito não me engana teve um governador na Paraíba que cantou com ele também. (...) bem ele era muito farrista, uma hora andava com a calça arregaçada, outra com a calça comprida; ele vivia do repente, não tinha outra profissão não, era cantador de viola! Morou uns tempos na rua do Açude [atual Joaquim Santiago] e na rua do Boi [Atual Senador Epitácio]. João Preto, Honório e Zé Luiz Pichaco tudo era família dele, primo; tem uma filha dele chamada Eulália que ainda mora em Remígio".

Quanto aos PICHACO é dever registrar o seguinte: Zé Luiz fazia sorda na rua do Cemitério, era muito católico e organizava as festas do 13 de Maio em Esperança; Adauto vendia água e entregava nas casas, e fazia coco de roda com Honório. Tinha Silvina que era de baixa estatura, sendo que o mais folclórico de todos era Pedro Pichaco, que era um bom "vivant"

Conheci João Benedito!

Sebastião Amâncio de Araújo, mais conhecido por *Saro Amâncio*, nasceu em 03 de janeiro de 1927, é agricultor e conheceu pessoalmente *João Benedito*, acompanhando o velho cantador em muitas de suas apresentações pela cidade. Segundo **Vicente Simão**, “*onde João Benedito estava, Saro também estava*”. Este cidadão tem uma ótima memória e lembra de cor muitos dos versos e causos acontecidos com o velho cantador.

Saro é irmão de Cícero Amâncio, de Lau e de Morão. Em entrevista exclusiva para este livro, seu Saro contou-nos um pouco do que sabe a respeito do antigo repentista esperancense:

“João Benedito era um poeta de muita autoridade, conheci João Benedito andando na vida com a viola, sabia escrever pouco mas era uma escola matuta; era alto, moreno, não era gordão mas era bem morenã; (...) era casado, a velha ainda estava viva agora de família só tinha uma filha chamada Eulália. Ele andava sozinho, a companhia dele era um cajado. Morou na rua de baixo, rua Joaquim Santiago, antiga rua do Açude e vivia de fazer repente. Não existe faculdade de cantoria mas ele tirou o primeiro lugar, Josué da Cruz disse que ele era ‘a aula dos cantadores’ e também era curador, fazia garrafada de erva e ensinava o povo, curava com homeopatia”.

De fato o seu neto José Severino Cândido - *Cabo Duda* - confirmou que João Viana era um poeta muito respeitado, sendo um negro alto que residiu nas ruas do Açude e rua do Boi, relatando outros fatos que foram registrados neste livro.

Um outro depoimento nos foi prestado por um cidadão antigo - Zé Delfino - que é avô de Luciano Pintor. Este homem disse que conheceu *João Benedito* e viu muitas vezes o cantor nos pontos de cachaça fazendo versos.

José Delfino Gomes nasceu no Caracol em 20 de janeiro de 1911, num lugar conhecido por "*Cacimba*" no município de Alagoa Nova. Morou ali até os dez anos quando veio residir em Esperança nas propriedades de Riacho Amarelo e Quebra-pé.

Nesta vila trabalhou para o Capitão Bento Olímpio Torres e o promotor Theotônio Cerqueira Rocha. Foi agricultor, ajudante de pedreiro e cortou carne durante certo tempo.

No auge de seus 99 anos seu José acompanhou o desenvolvimento do município participando de vários acontecimentos locais. Bastante lúcido, afirmou categoricamente para a equipe do **Jornal A Cidade**: "*Conheci João Benedito!*".

A entrevista foi realizada na residência do ancião no dia 29/11/2010 e transmitida em parte pela Ban Fm (87,9 Mhz) nos dias 01 e 02 de dezembro de 2010, da qual estiveram presentes o jornalista *Joseilton Belarmino* e sua auxiliar *Vanessa Gomes*, além deste escritor.

José Delfino contava 30 anos e lembra com precisão do velho cantor:

"João Benedito tocava viola e era cheio de lorota, todo mundo gostava dele. Andava com as calças arregaçadas e carregava uma viola nas costas. Vivia do 'repente' andando nos pontos de vender cachaça e fazendo poesias. O povo gostava muito dele, naquele tempo dava pra viver desse negócio. Era moreno forte, acho até que da família Pichaco. Tinha uma

poesia bonita, cheia de graça. Não fazia mal a ninguém, chegava num bar o povo pedia e ele fazia de improviso, agente achava aquilo engrançado. Na feira o povo ajudava, andava por todo canto ia pra outras cidades e onde chegava era aquela festa. Tinha também os irmãos Pichaco, João, Adauto, Honório e José Luiz que faziam coco. Ajuntava muita gente. João era um cantor respeitado, as pessoas pediam e ele fazia os versos. Era primo dos Pichaco.”

Com uma memória impecável, **José Delfino** lembrou em seu depoimento ainda de outros fatos importantes:

*“Alcancei a igreja (matriz) ainda no tijolo, o chão era preto (escuro), e conheci os padres José Vital, José Borges e João Honório. A maternidade quem trouxe foi Chico Souto. Me lembro da fábrica de rede. Sim eu conheci Dogival Costa que tinha um movimento (comércio) na rua. (...) Bento Olímpio foi meu patrão; era um velho marinheiro de olhos azuis, trabalhei com ele; era um homem bom. O primeiro carro que apareceu em Esperança foi em 1919, todo mundo ficou assustado pensando que era a ‘besta fera’. **A explosão da fábrica de fogos:** minha filha tinha saído para entregar o leite na casa de seu Tiano quando ouvi o barulho fiquei assustado e fui atrás dela mas quando explodiu ela tinha acabado de entrar na casa de seu Tiano; foi uma coisa horrível, era pedaço de gente pra tudo quanto era canto”.*

Silvestre Batista da Costa foi um importante alfaiate, trabalhou em Pernambuco e Paraíba. Natural de Esperança, nascido em 31 de dezembro de 1916 na Rua Solon de Lucena, viveu e conviveu com personalidades importantes desta cidade e conta nesta entrevista, concedida no dia 03 de dezembro de 2010, algumas de suas lembranças.

“João Benedito era um cantador que fazia as ‘queixas’ de Esperança; fazia a festa dele com os poetas; todo sábado ele fazia aquela roda, no chão e eles fazendo poesia; os poetas todos se reuniam na feira; Josué da Cruz tava lá no meio sentado no chão; ali passava na rua que vinha da igreja [atual Rua Manoel Rodrigues], tinha aquela rua [referindo-se à Rua Juviano Sobreira] e sentava-se ali na feira e fazia aquela roda; João Benedito era amigo de todos os poetas e todos eles respeitavam João Benedito; era um moreno forte, alto... não era baixo não; era mais alto que você [referindo-se ao seu genro Carlos Almeida]; João Benedito era dos pretos daqui, dos Pichaco; esse tanque [atrás da sua casa] pertencia a eles [os Pichacos]”.

Segundo o Dr. **João de Patrício**, procurador do município de Esperança, eram comuns as rodas de cantoria nesta cidade, onde se reuniam os repentistas, improvisando versos e declamando motes.

Naquele tempo a cidade era bem frequentada pelos cantadores que ganhavam as praças e propriedades rurais do município, fazendo desse costume um meio de ganhar a vida.

Por fim colacionamos dois depoimentos que corroboram com o imaginário popular a respeito da estereótipo de João Benedito.

O primeiro nos é fornecido por **Vitória Régia Coêlho**. Ativista cultural, autora do hino de Esperança e filha do antigo professor *José Coêlho da Nobrega*; esta senhora conhece muito da nossa história pois vivenciou pessoalmente muitos dos fatos acontecidos no passado e outros tantos lhe foram relatados por seu pai. Segundo narra:

“João Benedito era um negrão, um morenã; fazia serenata de noite; (...) era primo dos Pichaco; pai entrava, saia, bebia com eles e fazia poesia; cada um fazia uma poesia; os Pichacos tinha Adauto ‘doido’, o que fazia sorda [Zé Luiz]...; os Pichaco acabou-se tudo; tinha um aleijado que pedia na porta da igreja que era primo de João Benedito”.

O outro nos foi fornecido pelo Dr. **João de Deus Melo**, juiz aposentado, advogado e grande conhecedor da nossa história. Tem publicado alguns textos em revistas locais e boletins rotarianos. É um verdadeiro “arquivo vivo” da história esperancense. É ele quem nos diz:

“João Benedito era um moreno; eu não conheci mas ouvi falar nele. Era da família Pichaco, inclusive tinha um que quando eu estudava no Irineu sempre aparecida para vender bolo. A mãe de Diogo Batista era quem fazia e esse Pichaco vendia. João Benedito foi um grande repentista segundo dizem!”

Quem também nos conta sobre este personagem é o comerciante **Everaldo Cavalcante**. Descendente de família tradicional, Everaldo foi apresentador do antigo Cinema de Titico Celestino onde fez a abertura para vários artistas nacionais como Orlando Silva, e nos presta um importante depoimento:

“Meu pai conheceu João Benedito e dizia que era um homem inteligente só que naquela época não tinha pessoas instruídas que aproveitassem esse homem; ele era um sucesso na época, assim com Jackson do Padeiro e Rosil Cavalcante foram; era um homem que não estudou mas tinha um espírito elevado, um homem de valor, quando se aproximava de alguém só deixava alegria; era muito espirituoso”.

Vicente Simão trabalhou muito tempo no Grupo *Irineo Joffily* e também com o professor José Coelho; é um importante contador de histórias tanto que muitos estudantes o procuram para realizar seus trabalhos sobre a cidade de Esperança. É ele quem afirma:

"João Benedito era primo dos Pichaco, primo segundo acho; morava na rua do Boi; o nome legítimo dele era João Viana, conhecido por João Benedito; era um preto, José Coêlho me falava muito dele; nasceu na rua do Boi; ele era desconhecido por dois motivos: pobre e preto; só andava descalço, arregaçado e com a viola dentro do saco; os primeiros negros de Esperança foram os Pichacos, João, Honório, Zé Luiz da Sorda e Adauto”.

O leitor pode observar que todos os depoimentos, colhidos isoladamente, são unânimes em afirmar o potencial artístico do velho cantador, cujo insucesso pode ter sido motivado pela precariedade que se tinha na época em que viveu João Benedito; pela falta de valor que as pessoas do seu círculo lhe conferiram ou em razão de sua pobreza e analfabetismo. Quanto a sua pele adusta, não há elementos para dissociar a cantoria da fama pois alguns cantadores eram negros ou mulatos.

Nas entrevistas podemos verificar ainda a veia poética da família Pichaco, onde alguns deles sempre faziam cantorias e continuaram neste ramo mesmo após a morte do improvisador João Benedito, a exemplo de Aduino e João. Enquanto isto, Zé Luiz fabricava sordas na rua do Cemitério e vendia pelos quatro cantos da cidade, sendo um homem bastante religioso e responsável pelas festividades do 13 de maio na cidade.

Ainda nesse contexto, vejamos o que nos diz **Tarcísio Torres**, que é filho de seu Severino de Alcantara Torres e dona Corina Coelho, e irmão do Procurador do Ministério Público Antônio de Pádua Torres. Segundo Tarcísio:

“João Benedito era um cantador muito afamado, eu não conheci mas ouvi falar muito dele; ele cantava coco de roda juntamente com Aduino e Honório [Pichaco]; tocava muito no ‘Irineu Joffily’ na época em que ensinava Luiz Henrique, que era um professor de João Pessoa; João Benedito era sempre convidado para cantar no São João do Irineu Joffily”.

De fato, existia antigamente na cidade o "São João na Roça", cuja quadrilha saía da casa de **Dogival Costa**, meu avô paterno, e que era marcada por seu Irineu e Benício.

João Benedito, assim como Zé Limeira, não deixou nada escrito. Não há informações de que tenha publicado nenhum cordel.

Neste sentido, valem pois das pesquisas do Dr. *João de Deus Melo*, que afirmou desconhecer quaisquer de seus folhetos.

Isto não impediu de perpetuar a sua memória e fazer com que seus versos chegassem até nós, em pleno Século XXI. Pois outros cordelistas reproduziram com fidelidade a poesia que o velho cantador esperancense declamava.

E mesmo no fim da vida, velho e doente, João Viana glosava abertamente:

*“Pois o velho, doente, não resiste /
Cantar em qualquer sociedade!...”*

Átila Augusto e José Alves Sobrinho, afirmam em seu *Dicionário Bio-bibliográfico de repentista e poetas de bancada*:

“Grandes repentistas e preparadores foram Joaquim Sem Fim e João Benedito, segundo a opinião insuspeita de Antonio Ferreira da Cruz, que também foi poeta popular excepcional” (Ed. Universitária: 1978, p. 288).

Naquele tempo o repente era tratado mais como arte livre do que propriamente um meio de vida, apesar de alguns poucos fazerem disso profissão. Segundo consta ainda, Josué da Cruz antes de falecer dedicou-se a agricultura. Mas o certo é que os cantadores percorriam outras províncias e se encontravam para fazerem as suas “pelejas”.

É provável que João Benedito tenha visitado outras praças mais distantes indo chegar até a capital da Paraíba, mas disto não temos ainda comprovação fática.

A esse respeito, devemos considerar a sua resposta ao cantador Antônio Correia Bastos, cujo desafio foi transcrito por *Câmara Cascudo*.

Instigado por Mário de Andrade o folclorista nordestriograndense coletou uma vasta bibliografia e que foi publicado em “Vaqueiros e Cantadores” em 1939.

Neste desafio João Benedito visita Antônio Correia, que era cantador-carpinteiro residente na capital paraibana. E já na sua abertura nos diz:

Antônio Corrêa

- Senhor João Benedito,
Que veio ver neste lugar?

.....

João Benedito

- Vim porque tive notícia
Que eras bom cantador;
E que, *aqui na capital*,
Estavas sem competidor;

(CASCUDO, Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Global Editora: 2005, p. 214/215. Grifei).

O que nos faz crer que tenha realmente viajado até a cidade de João Pessoa nesta sua lida de desafio e repente. Contudo, *Saro Amâncio* afirmou categoricamente que o cantador andava por toda a Paraíba, o que foi confirmado ainda pelo seu neto *Cabo Duda*.

No final da vida João Benedito fazia-se acompanhar de um jovem e já não tinha mais o “*vigor da mocidade*”. Chegando mesmo a afirmar: “*Hoje quem canta mais feio, foi quem cantou mais bonito*”. A falsa modéstia desafiava os cantadores.

Esta vocação nos parece surgiu bem cedo em João Benedito. Em “*Repentistas e Glosadores*”, livro publicado em 1937, **Francisco Coutinho Filho** reproduz o mote “*faz gosto ouvir-se o repente do cantador nordestino*” onde um outro cantador antigo menciona o João Viana de Esperança.

A pesquisa certamente é anterior a esta data (1937), quando João Benedito contava 77 anos de idade. Em uma de suas páginas encontramos os seguintes versos:

*“O Viana de Esperança (35)
Eu ouço desde menino!
Tem memória e peito fino,
Canta e glosa abertamente!
Faz gosto ouvir o repente
do cantador nordestino!*

(35) João Benedito Viana -paraibano, reside em Esperança”

Por fim, é o próprio João Benedito quem nos diz:

*“Fui gordo igual uma bola,
Estou magro como um palito”.*

Dando a entender que começou ainda jovem e foi até certa idade. A esse respeito nos valemos ainda dos depoimentos, pois segundo consta, João cantou até o fim da vida.

A poesia de João Benedito

Tomamos como ponto de partida os versos reproduzidos pelos folcloristas a cerca deste vate popular. Seguidamente acrescentamos algumas rimas supostamente atribuídas a João Benedito, por força da tradição oral.

Em primeiro lugar chamamos a atenção para o mote “O homem e o tempo”, de que nos dá notícia Câmara Cascudo:

*Há entre o homem e o tempo
contradições bem fatais,
O homem não faz, mas diz,
O tempo não diz mas faz,
O homem não traz nem leva,
Mas o tempo leva e trás.*

A sextilha filosófica encerra uma grande verdade, pois o tempo é quem ensina o homem que teima em aprender no tempo errado.

Já em 1940, mesmo na casa dos 80 anos, João Viana era capaz de compor uma sextilha como esta:

*Eis o resto da figura
Do velho João Benedito
Fui gordo igualmente uma bola
Estou magro como um palito
Hoje é quem canta mais feio
Foi quem cantou mais bonito!*

Veja-se a versatilidade do poeta que consegue extrair da sua própria imagem a inspiração para os seus versos.

Numa outra ocasião observamos João Benedito cantando com um moço e contrapondo as vantagens da juventude às desigualdades da velhice, glosando a “Passagem do homem sobre a terra”:

*E você pensa que veio
Aqui gozar regalias
Mas se engana, você veio
Somente passar uns dias
Chegou aqui nada trouxe
E volta com as mãos vazias.*

Embora João Benedito assegure que é da época em que se cantava em quatro versos - o que nos remontam ao último decênio do Século XVIII - a sua principal característica são as estrofes em sextilhas, conforme pudemos observar.

O seu nome aparece entre os maiores da poesia popular, ao lado de Leandro Gomes de Barros, José Duda e Francisco Romano. Nesse mesmo sentido é o trabalho de **Márcia Abreu** (História de cordéis e folhetos: histórias de leitura), citando além do nosso poeta esperancense: Inácio da Catingueira, Manoel Cabeceira, Neco Martins e Preto Limão como sendo os pioneiros desta tradição.

Contudo devido a sua longevidade alcançou outros momentos desta literatura, sendo anterior inclusive a própria xilogravura.

Quando faleceu em 1943, aos 83 anos de idade, ainda se mantinha em atividade glosando de forma humorística as coisas da vida.

Resenha crítica

Em nossas pesquisas podemos constatar que *João Benedito* era um conceituado cantador com grande habilidade para o improviso. Os seus versos, na maioria, encerram verdades escatológicas sendo por isso lembrado como filósofo do seu tempo. Não foi à toa que grandes repentistas lembraram seu nome aos folcloristas que pesquisaram a origem do folheto em nosso país. Câmara Cascudo foi um deles.

Colocamos pois em evidência as principais críticas ao velho Benedito.

Em *Repentistas e Glosadores* (p. 27), de Coutinho Filho, encontramos os seguintes versos que mencionam o cantador esperancense:

*“O Viana de Esperança (35)
Eu ouço desde menino!
Tem memória e peito fino,
Canta e glosa abertamente!
Faz gosto ouvir o repente
do cantador nordestino!*

(35) João Benedito Viana -paraibano, reside em Esperança”

É Coutinho ainda quem nos diz:

“Em palestras com Josué da Cruz a respeito dos melhores poetas populares da atualidade, ele me falou de cantador João Benedito Viana, um velho de mais de setenta anos, natural de Esperança onde vive em nosso Estado”.

Essa opinião não é única. Além desse colacionamos outros depoimentos a respeito do poeta popular de igual importância. E todos uníssonos em afirmar as suas qualidades como improvisador.

Chagas Batista por sua vez menciona em seu livro *Cantadores e Poetas Populares* (p. 215) que:

“João Benedito (...) apesar de ser quase analfabeto, é bom repentista”.

E no *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* encontramos:

“Grandes repentistas e preparadores foram Joaquim Sem Fim e João Benedito, segundo a opinião insuspeita de Antonio Ferreira da Cruz, que também foi poeta popular excepcional”.

Nessa mesma obra há o relato de que **Antonio Ferreira da Cruz** colocou **João Benedito** em pé de igualdade com Joaquim Sem Fim, considerando-o como um dos temíveis cantadores da sua época.

Enquanto isso **Minelvino Francisco**, autor de *Vaca Misteriosa*, escreve que João Benedito “no fim da vida se apresentava com modéstia meio humorística” (p. 32).

João Benedito Viana cantou com **Antônio Correia Bastos**, natural de Mogeiro/PB e carpinteiro de profissão, cujo desafio foi reproduzido por diversos autores, inclusive por **Câmara Cascudo** em sua obra *Vaqueiros e Cantadores*, constante deste livro em capítulo a parte (A poesia de João Benedito, p. 47/51).

FONTES CONSULTADAS:

ADAMI, Antonio e BALOGH, Anna Maria (Org.). *Mídia, cultura e comunicação*. Vol. II. Arte e Ciência Editora: 2003

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos: histórias de leitura*. 2ª Ed. Reimpressão ilustrada. Mercado das Letras: 1999.

ALMEIDA, Átila. *Réquiem para a Literatura Popular em Verso, também Dita de Cordel*. Jornal “A União”, Correio das Artes. Edição de 01/08/1982.

ALMEIDA, Átila Augusto F. De, SOBRINHO, José Alves. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. Volumes 1-2. Ed. Universitária: 1978.

BARRETO, Guimarães. *Excursão pelo reino das trovas*. Editora Pongetti: 1962, p. 114.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Global Editora: 2005.

CHAGAS, F. Batista. *Cantadores e poetas populares*. João Pessoa/PB. UFPB: 1997.

FERREIRA, Rau. *Silvino Olavo*. Edições Banabuyê. Esperança/PB: 2010.

FILHO, F. Coutinho. *Repentistas e glosadores: poesia popular do nordeste brasileiro*. Ed. A. Sartorio & Bertoli: 1937.

LUYTEN, Joseph Maria. *A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*. Vol. 23 da Série Comunicação. Edições Loyola: 1981.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel: ensaio*. 2ª Edição. Ed. Moderna: 1982, p. 9 e 13;

LIMA, Francisco Cláudio de. *50 Anos de Futebol e Etc*. Ed. Rivaísa: 1994;

LIMA, Egídio de Oliveira. *Os Folhetos de Cordel*. Ed. Universitária/UFPb: 1978.

- LIMA, Egídio de Oliveira. *Os Folhetos de Cordel*. Ed. Universitária/UFPb: 1978.
- MAURÍCIO, João de Deus. *A vida dramática de Silvino Olavo* Ed. Unigraf: 1992.
- MATOS, Cláudia. TRAVASSOS, Elizabeth. MEDEIROS, Fernanda de. *Ao encontro da palavra cantada: poesia, música e voz*. Ed. 7 Letras: 2001, p. 89
- MOTA, Leonardo. *Sertão Alegre: Poesia e linguagem do Sertão Cearense*. Ed. Cátedra: 1976.
- OLAVO, Silvino. *De Folklore*. Impr. Of. João Pessoa/PB: 1926.
- SERAFIM, Péricles Vítório. *Remígio: brejos e carrascais*. João Pessoa/PB. Editora Universitária: 1992.
- SILVA, Minelvino Francisco. *Vaca misteriosa*. São Paulo/SP. Ed. Luzeiro: 1980.
- SOUZA, José Patrício de, (Dedé da Mulatinha). *História Sagrada - As sete espadas de Dores de Maria Imaculada* 1. ed. Campina Grande, PB: Folhetaria Estrela do Oriente: 1976.
- ROCHA. Fernando. MENEZES, Marinalva. *I FestCordel - Festival de Literatura de Cordel*. Esperança/PB: 2006.
- ROCHA. Fernando. MENEZES, Marinalva. III FestCordel - Festival de Literatura de Cordel. *Cartilha de Inscrição*. Esperança/PB. FIC: 2008.
- COSTA, Gutemberg. *A presença de Frei Damião na literatura de cordel: antologia*. Ed. Thesaurus, 1998

Periódicos:

- A UNIÃO, Jornal. Governo da Paraíba. Edições de 21 e 31/03/26 e 01/08/82.
- ESPERANÇA, Revista. Ano I, nº III. Editor Evaldo Brasil. Esperança/PB, junho à agosto de 1997.
- ESPERANÇA 82 ANOS, Revista. Editor Jacinto Barbosa. JB Assessoria e Comunicação. Esperança/PB, novembro de 1997.

Mídia eletrônica:

- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/estatuto-do-idoso-em-cordel.html>
 - <http://www.luizberto.com/?p=98558>
 - <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib>
 - <http://wikipedia.org>.
 - http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html
 - <http://letras.terra.com.br/cafe-com-blues/1320039/>
 - http://www.sbpnet.org.br/livro/58ra/JNIC/RESUMOS/resumo_3832.html
 - <http://www.biuvicente.com/professor/?cat=17>
 - <http://onordeste.com>
 - <http://pt-br.cordel.wikia.com>
 - <http://dd-vivendo-e-aprendendo.spaces.live.com>
- Youtube, Xangai: http://www.youtube.com/watch?v=G7nx9_uTjjs
<http://letras.terra.com.br/xangai/385812/>

Depoimentos:

- Adauto Rodrigues*. Em 30/10 e 08/11/2010.
- Carlos Almeida*. Em 06/09/2010.
- Everaldo Cavalcante*, Em 06/01/2011.
- João Batista Bastos*. Em 10/12/2010.
- João de Deus Melo*. Em 27/12/2010.
- José Delfino Gomes*. Em 29/11/2010.
- José Luiz do Nascimento*. Em 08/12/2010.
- José Severino Cândido*. Em 07/01/2011.
- Sebastião Amâncio de Araújo*. Em 07/01/2011.
- Silvestre Batista da Costa*. Em 03/12/2010.
- Vicente Simão*. Em 17/05/2010, 06 e 07/01/2011.
- Vitória Régia Coêlho da Silva*. Em 26/12/2010.